

QUINCAS BORBA COMO EDUCADOR, OU “AO VENCEDOR AS BATATAS”

André Henrique M. V. de Oliveira

Zeitgeist: termo que na grandiloquente língua alemã nomeia algo do qual jamais podemos nos esconder: o espírito do tempo. O tempo, neste sentido, é certamente algo mais que uma mera determinação física, e seu espírito flutua no alto, cobrindo a tudo e a todos. O filósofo, que por vocação para as alturas, ou mania de ver as coisas de cima, eleva seu pensamento para ver o raiar do sol antes do restante da humanidade, muitas vezes permanece incompreendido; justamente por apontar para um futuro que as pessoas, tão céticas para com o puro pensamento, não dão crédito antes que se torne tangível. E assim o filósofo, que além de historiador do futuro, não deixa de ser bom conhecedor do passado, compartilha com seu irmão, o poeta, a posição de antena da cultura. Conhecendo o que foi, captando o que é, vislumbrando o que será.

Ao receber o sinais de seu tempo, o filósofo não pode deixar de se alimentar também dos frutos que lhe estão à mão, às vezes até involuntariamente ingeridos. Em *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia* Rüdiger Safranski afirma ter havido um tempo em que “se pensava em Deus e no mundo com um coração benevolente” (SAFRANSKI, 2011, p.9), tempo em que “A grande admiração contida nesse mundo era a de que algo existe e não somente o nada” (IBIDEM, p. 10). Refere-se o autor ao tempo em que o tempo produziu frutos como Kant, Schelling, Feuerbach, Marx. Mundo em que a filosofia se desenvolveu junto a uma sociedade que começava a viajar a altíssimas velocidades no trem da ciência. O homem se deslumbrava com suas próprias criações. E então: “Quando o homem se transforma em Criador, sente que deverá fazer muito mais, tudo quanto lhe for possível. Passou-se a

buscar o futuro em acumulações desordenadas e febris. A felicidade do conhecimento puro desapareceu (...) A “Verdade” se tornou então apenas aquilo que poderia ser “Realizado” (IBIDEM, p. 10).

Foi a época em que o homem passou a tomar consciência de que sua Terra não era um lugar privilegiado no universo; que ele tinha parentes em zoológicos, e que sua consciência talvez fosse tão livre quanto um burro atado a uma carroça. Fios de desencanto começam a aparecer na urdidura do século XIX. Um matiz de cor pessimista se faz ver nos sinais captados por um ilustre filho seu: Arthur Schopenhauer. Este escreveu que “In endless space countless luminous spheres, round each of which some dozen smaller illuminated ones revolve, hot at the core and covered over with a hard cold crust; on this crust a mouldy film has produced living and knowing beings: this is empirical truth, the real, the world” (SCHOPENHAUER, 1966, p.3). O pensamento de Schopenhauer cruzará o século XIX, e assim como o de um discípulo seu que iria posteriormente anunciar a “morte de Deus”, deixará como legado para o século XX um certo incômodo, uma sensação de que a razão não cumpriu o que havia prometido, ou pelo menos não se cumpriu o que haviam prometido em nome dela.

E como o manto daquele tempo cobria também nosso país, por aqui se fez de antena um certo Joaquim Maria, mais conhecido pelos seus últimos nomes: Machado de Assis (“Bruxo do Cosme velho”, para os íntimos), que fez reverberar por aqui a sinfonia daquele tempo. Fischer comenta que: “Quanto à visão de mundo, pode-se dizer que nosso autor passa de um liberalismo acentuado na juventude para uma posição cada vez mais desiludida e cética, motivo de fundo de sua ironia constante, aguda e sutil.” (ASSIS, 2009, pp. 17-18). Em um de seus maravilhosos exercícios de bruxaria, Machado deu vida a um filósofo: o senhor Joaquim Borba dos Santos, o Quincas Borba. Pensador de aguda inteligência, talvez não compreendido por seus contemporâneos, como é comum acontecer aos espíritos geniais.

Sui generis são tanto a vida como o pensamento de Quincas Borba. De mendigo a homem rico, depois de haver recebido uma inesperada herança; inventor de uma filosofia da qual pareceu se alimentar para suportar a própria encenação trágica de sua vida. Um “náufrago da existência” nas palavras de Machado. Nos apareceu pela primeira vez em uma cena descrita por seu amigo (morto!) Brás Cubas, encontro no qual Borba não perde a oportunidade de anunciar ao amigo sua “filosofia da miséria”, bem como de lhe roubar o relógio, que no futuro seria restituído e serviria de pretexto para reforçar entre os dois a amizade. Borba, como bom filósofo, captou o espírito de seu tempo, ao mesmo tempo em que contra ele lançou uma radical proposta. Afinado com a necessidade metafísica dos “anos selvagens” da filosofia, Borba numa carta apresenta ao seu amigo o *Humanitismo* “um novo sistema de filosofia, que não só explica e descreve a origem e a consumação das coisas, como faz dar um grande passo adiante de Zenon e Sêneca, cujo estoicismo era um verdadeiro brinco de crianças ao pé da minha receita moral.” (ASSIS, 1997, p. 123) Mais que isso, a filosofia de Borba “retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país.” (IBIDEM, p. 123)

No ensaio *Schopenhauer como educador*, Nietzsche exemplifica na figura de seu mestre as qualidades inerentes a quem merece ser chamado de filósofo. Para ele a erudição não torna alguém filósofo. O gênio filosófico deve romper as paredes invisíveis da erudição, caso contrário a submissão se fará dona da ação e do pensamento. Kant, por exemplo, foi um erudito que não chegou a tornar-se filósofo segundo Nietzsche, pois o filósofo é “não somente um grande pensador, mas também um homem efetivo” (NIETZSCHE, 1987, p. 42), o que implica ser livre e ele mesmo, “um homem vigoroso e inteiro no sofrer e no desejar, e não apenas uma sacolejante máquina de pensar e de calcular” (IBIDEM, p. 35). Esta qualidade Nietzsche a vê em Schopenhauer, filósofo insubmisso ao Estado e ao idealismo dominante de seu tempo;

utilizou sua erudição como mero instrumento para compor uma interpretação visceralmente profunda do mundo e da existência. E para Nietzsche “Essa é a sua grandeza: ter-se colocado em face da imagem da vida como um todo, para interpretá-la como todo; enquanto as cabeças mais perspicazes não podem libertar-se do erro de pensar que se chega mais perto dessa interpretação quando se investigam meticulosamente as cores com as quais, e a matéria sobre a qual essa imagem está pintada” (IBIDEM, p. 36).

Podemos dizer que foi justamente este o esforço da filosofia de Quincas Borba: traçar um pensamento que abarcasse o grande quadro da existência. Se a exigência de toda grande filosofia é poder dizer “esta é a imagem de toda vida, aprende nela o sentido de tua vida. Ou vice-versa: lê tua vida e entende nela os hieróglifos da vida universal” (IBIDEM, p. 36), o *Humanitismo* cumpre perfeitamente tal exigência na medida em que faz da vida sua matéria prima. Ele não só interpreta os “hieróglifos da vida universal” a partir de um princípio fundamental, *Humanitas*, como chega a servir ao seu criador como um influxo vital, princípio não só de conhecimento como do próprio existir. Na nota que anuncia a morte de Borba se lê: “Faleceu ontem o senhor Joaquim Borba dos Santos, tendo suportado a moléstia com singular filosofia. Era homem de muito saber, e cansava-se em batalhar contra esse pessimismo amarelo e enfezado que ainda nos há de chegar aqui um dia; é a moléstia do século.” (ASSIS, 2009, p. 65)

E aqui já se esboça uma outra característica que faz de Borba um filósofo. Além de aproximar, como fizeram Schopenhauer e Nietzsche, filosofia e vida, Borba devora o espírito do seu tempo e em reação ao veneno dele produz um antídoto; volta-se contra a degeneração da vida que a imagem cinza de seu século parecia desenhar. Borba insurge abertamente contra a perspectiva pessimista exaltando a vida em todos os seus aspectos, e mostrando que há beleza no teatro trágico da existência. E neste movimento se aproxima da filosofia nietzscheana, que reconhece o grande valor da luta do

homem contra seu tempo. Nessa luta, afirma Nietzsche, “o que ele combate em seu tempo é aquilo que o impede de ser grande, e isto para ele significa apenas: ser livre e inteiramente ele mesmo.” (NIETZSCHE, 1987, p. 37) Todo grande pensador possui algo incompatível com seu tempo, seu estranhamento se revela às vezes no próprio ostracismo, é “a impura mescla e aproximação do incompatível e do eternamente inconciliável, contra a falsa solda do contemporâneo com sua extemporaneidade” (IBIDEM, p. 37)

É bem conhecido o adágio schopenhaueriano de que “a vida é sofrimento”, bem como sua interpretação da moral ascética como um caminho para a salvação que se alcança por meio da negação da individualidade. É significativo também a influência que o pensamento de Schopenhauer exerceu sobre Machado de Assis. Mas, é justamente aí que se insurge a filosofia de Borba; unificando em *Humanitas* tudo que é vida, e afirmando a vida como um princípio absoluto que deve se expressar. Talvez até antecipando nossa consciência ecológica ao identificar-se em seu cão.

Dizia ter dado seu nome ao seu cachorro por dois motivos: um doutrinário e outro particular. O motivo doutrinário: “Desde que *Humanitas*, segundo minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja cristão ou mulçumano.” (ASSIS, 2009, p. 57) Seu discípulo então pergunta por que não lhe deu o nome de Bernardo, e Borba revela então o motivo particular: “Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro” (IBIDEM, p. 57). É certo que Schopenhauer dizia que toda vida é expressão de um princípio único: a Vontade, e com isto Borba concordaria. Todavia, mais do que o diagnóstico de tal princípio Borba lhe dá outra conotação moral que não a de Schopenhauer. “Vida é luta”, diz Borba, “Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal” (ASSIS, 1997, p. 162), mas nesta luta o filósofo não vê perdas, derrotas, dor, e sim unicamente vitórias, conquistas, em suma, a vida que permanece. Na esteira do empirismo ainda

corrente em sua época, ele dá exemplos concretos de sua teoria. A morte de sua avó é um deles:

“No momento em que minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma sege; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima (...)

– Foi realmente uma desgraça – disse Rubião.

– Não.

– Não?

– Ouve o resto (...) O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derrubou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: *Humanitas* tinha fome.”(ASSIS, 2009, p. 57)

E não há concessões para a força deste princípio essencial. Assim como ocorreu a sua avó, poderia acontecer a um rato, a um cão, a Lord Byron ou Gonçalves Dias, todos estão sob o mesmo domínio de *Humanitas*, e “*Humanitas* precisa comer” (IBIDEM, p. 57).

A filosofia borbiana sustenta a tese de que a dor é uma ilusão, uma espécie de falsa ideia de nossa natureza. Assim, “Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa *predisposição* é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida.” (ASSIS, 1997, p. 145) A vida é permanentemente afirmada, e um de seus

modos de afirmação consiste na afirmação da própria individualidade, por isso o fundador do Humanitismo, que é “o remate das coisas”, pode dizer com segurança “sou o maior homem do mundo.” (ASSIS, 2009, p. 58) A proposta mesmo inicial para o nome de sua filosofia era “borbismo”, posteriormente alterada por questões conceituais. Todavia, a simples sugestão já nos remete novamente a concepção nietzscheana de filósofo, que “tem de retirar de si a maior parte do ensinamento e porque ele serve para si mesmo de imagem e abreviatura do mundo inteiro”. (NIETZSCHE, 1987, p. 42).

Borba dispensa a moral ascética. Seu pensamento, segundo ele, “acomodava-se com os prazeres da vida, inclusive a mesa, o espetáculo e os amores”. (ASSIS, 1997, p. 137) Realiza uma transvaloração a partir do pessimismo, invertendo a concepção trágica da existência e erguendo como virtudes sentimentos que são tomados como vícios pela moral tradicional, tudo em nome da plena realização da vida, e da luta, que se expressa através de Humanitas. “Contempla a inveja”, nos diz Borba, “Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude.” (IBIDEM, p. 144)

Talvez a fonte de todos os equívocos da filosofia pré-Borba esteja justamente em ter ela se alimentado da duvidosa sabedoria grega, que buscava a verdade em um poço. Em um exercício de auto-criação, como no *Ecce homo* de Nietzsche, Borba revela de onde partiu seu impulso em perscrutar a íntima natureza das coisas, denunciando ao mesmo tempo a origem e a série de enganos que permeou o pensamento ocidental: “Gregos, subgregos, antigregos, toda a longa série dos homens tem-se debruçado sobre o poço, para ver sair a verdade, que não está lá. Gastaram cordas e caçambas; alguns mais afoitos desceram ao fundo e trouxeram um sapo. Eu fui diretamente ao mar.” (IBIDEM , p. 138) E a sabedoria do mar penetrou de tal forma no

espírito de Borba que ali se reverteu completamente aquela sabedoria do sátiro Sileno, que tanto influenciou a Schopenhauer.

Na visão de Borba este mundo não é o pior dos mundos, e a vida, conquanto seja luta, não é dor, pois a dor é uma ilusão, um “ídolo da tribo” para usar o termo de Francis Bacon, e na vida só há vitória. A experiência pessoal de Borba lhe autoriza afirmar que “não há mendigo que não prefira a miséria à morte (o que é um delicioso influxo de *Humanitas*), segue-se que a transmissão da vida, longe de ser uma ocasião de galanteio, é a hora suprema da missa espiritual. Porquanto, verdadeiramente só há uma desgraça: é não nascer.” (IBIDEM, p. 144)

Confronto teórico à parte é curioso notar que dois fatos da vida Borba se assemelham a experiências vividas, uma por Schopenhauer, outra por Nietzsche. Assim como o primeiro, Borba só pôde se dedicar à filosofia depois que uma herança lhe conferiu certa comodidade em termos materiais. Quanto à Nietzsche, dizem que no fim de sua vida, já mentalmente debilitado, o filósofo afirmava ser Napoleão, Buda, Alexandre, o Grande, o crucificado, entre outras importantes figuras históricas. Borba, no fim de sua vida, com a saúde mental também já fragilizada, não chegou a postos tão altos quanto os de Nietzsche, mas não deixou de fazer uma descoberta importante: descobriu que era Santo Agostinho, o que revelou em carta para seu único discípulo e herdeiro Rubião.

Na obra ficcional do “bruxo do Cosme velho” ressoam notas fundamentais do século XIX, tanto pela recorrente alusão em seus textos a teorias científicas e filosóficas daquele século, como pelo modo em que na sua obra são abordados conflitos de uma sociedade cujos valores tradicionais começam a ruir. Há uma inegável influência da filosofia de Schopenhauer sobre o pensamento machadiano, sobretudo quanto à perspectiva trágica da existência, adornada com a “pena da galhofa”, característica marcante do escritor carioca. Mas, talvez como expressão de uma luta contra si mesmo e

contra o manto sombrio de seu tempo, Machado tenha dado luz àquele filósofo, que coerente ou não, povoa com pensamentos desconcertantes duas de suas maiores obras. A partir do pensamento borbiano podem abrir-se inúmeras interpretações. Contudo, tenha Borba perdido ou vencido a luta contra seus moinhos, não podemos desconsiderar que sua luta ainda se trava de modo manso ou cruel nos corações (antenas) mais sensíveis. E onde quer que seja travada esta luta, o resultado tem sido sempre aquele diagnosticado por Borba: “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.” (ASSIS, 2009, p. 59)

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Quincas Borba*. Fixação de texto, notas e posfácio de Carla Vianna; coordenação editorial, biografia do autor, cronologia e panorama do Rio de Janeiro por Luis Augusto Fischer. Porto Alegre: L&PM, 2009.

NIETZSCHE, F. Schopenhauer como educador. In: *Obras Incompletas* (Col. Os pensadores). Seleção de texto de Gérard Lebrun, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho: Nova cultural, 1987.

SAFRANSKI, R. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Trad. William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, A. *The World as Will and Representation vol. II*. Trans. By E. F. J. Payne. New York: Dover Publications, Inc. 1966.

André Henrique Mendes Viana de Oliveira reside na cidade de União. É, atualmente, professor de filosofia do IFPI, integrante do projeto musical Corpus Conti e o Neurônio Espelho. É autor de alguns artigos publicados em revistas eletrônicas de Filosofia.